

The image features four stylized sun icons in a light gray color. Each sun has a central circle with a smaller dot inside, and several elongated, teardrop-shaped rays radiating from the top and sides. The largest sun is at the top center, with a smaller one to its left, another to its right, and a fourth, even smaller one at the bottom left. The word "TRADUÇÃO" is centered over the largest sun.

TRADUÇÃO

APRENDIZAGEM E TRANSMISSÃO DE ESTILOS CERÂMICOS: A HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES E AS COMUNIDADES DA PRÁTICA NA AMAZÔNIA EQUATORIANA

Texto de

Brenda J. Bowser  

Division of Anthropology - California State University, Fullerton

John Q. Patton  

Division of Anthropology - California State University, Fullerton

Tradução de

Fernando Ozorio de Almeida  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

submissão: 19/04/2021 | aprovação: 14/02/2022

RESUMO

Como e porque as pessoas produzem, mantêm e transformam os estilos materiais em associação com as fronteiras culturais é uma questão central para a compreensão de continuidade e mudança dentro do registro arqueológico. As questões sobre a transmissão do estilo doméstico de cerâmica de mãe para filha em sociedades matrilocais configuraram um ímpeto fundamental para o desenvolvimento do interesse de muitos arqueólogos sobre aprendizagem e transmissão cultural. Em geral, em tais contextos, os arqueólogos inicialmente preveem uma forte continuidade entre as gerações quanto ao estilo cerâmico assim como fronteiras sociais bem delimitadas. A continuidade dentro da cultura material, entretanto, não é um simples resultado de uma transmissão inconsciente de ideias de uma geração para outra, uma forma de conservadorismo nativo ou uma propensão de fazer as coisas da mesma forma que a geração anterior, de acordo com a maneira pela qual as pessoas são ensinadas. O trabalho de pesquisa etnoarqueológica conduzido no território Zapara da Amazônia equatoriana demonstra que semelhanças e diferenças no estilo cerâmico podem ser associadas a estratégias ativas das mulheres quanto à significação e a construção de alianças políticas ao longo de suas vidas. Tal argumento não impede que se considere que o parentesco, o contexto inicial de aprendizado e o *status* também possam contribuir para essa variação estilística. Essas estratégias políticas de significação podem mudar ao longo da vida das mulheres, de maneira consistente com as diferentes histórias de vida e do ciclo de desenvolvimento de suas comunidades da prática. A variação no estilo da cerâmica no tempo e no espaço pode, portanto, ser entendida nesses termos.

Palavras-chave: Amazônia; etnoarqueologia; estilo cerâmico policrômico; vidas de mulheres; transmissão cultural e aprendizado.

**LEARNING AND TRANSMISSION OF POTTERY STYLE:
WOMEN'S LIFE HISTORIES AND COMMUNITIES OF
PRACTICE IN THE ECUADORIAN AMAZON**

**APRENDIZAJE Y TRANSMISIÓN DE ESTILOS
CERÁMICOS: LA HISTORIA DE VIDA DE LAS MUJERES
Y LAS COMUNIDADES QUE LAS PRACTICAN EN LA
AMAZONÍA ECUATORIANA**

ABSTRACT

RESUMEN

How and why people construct, maintain, and transform the material styles associated with cultural boundaries is a central issue in understanding continuity and change in the archaeological record. Questions about transmission of domestic pottery style from mother to daughter in matrilocal societies were a fundamental impetus for the development of many archaeologists' interests in learning and cultural transmission. In such contexts, archaeologists initially expected strong inter-generational continuity in pottery style and well-delineated social boundaries. However, continuity in material culture is not simply the result of unconscious transmission of ideas from generation to generation, a form of native conservatism, or a propensity to do things in the same way as the previous generation, according to the manner in which one is taught. As shown in ethnoarchaeological research conducted in the Zapara Territory of the Ecuadorian Amazon, similarities and differences in women's pottery style can be associated with women's active strategies of signifying and building political alliances through their lives, even though kinship, the early learning context, and status also are important contributing factors. These political strategies of signification may change through women's lives, consistent with different stages of life history and the developmental cycle of their communities of practice. Patterned variation in pottery style may be understood in these terms, across time and space.

Cómo y por qué las personas producen, mantienen y transforman los estilos materiales en asociación con las fronteras culturales es una cuestión central para la comprensión de continuidad y cambio dentro del registro arqueológico. Las cuestiones sobre la transmisión del estilo doméstico de cerámica de madre a hija en sociedades matriarcales configuran un ímpetu fundamental para el desarrollo del interés de muchos arqueólogos sobre el aprendizaje y la transmisión cultural. En general, en estos contextos, los arqueólogos inicialmente preveían una fuerte continuidad entre las generaciones en cuanto al estilo cerámico, así como fronteras culturales bien delimitadas. La continuidad dentro de la cultura material, sin embargo, no es un simple resultado de una transmisión inconsciente de ideas de una generación a la otra, una forma de conservadurismo nativo, o una propensión de hacer las cosas como la generación anterior, de acuerdo con la manera por la cual las personas son enseñadas. El trabajo de investigación etnoarqueológica conducido en el territorio Zapara de la Amazonia Ecuatoriana demuestra semejanzas y diferencias en el estilo cerámico que pueden ser asociadas a estrategias activas de las mujeres en cuanto a la significación y construcción de alianzas políticas a lo largo de sus vidas. Tal argumento no impide que se considere que el parentesco, el contexto inicial de aprendizaje y el estatus también puedan contribuir para esa variación estilística. Esas estrategias políticas de significación pueden cambiar a lo largo de la vida de las mujeres, de manera consistente con las historias de vida y del ciclo de desarrollo de sus comunidades de la práctica. La variación en el estilo de la cerámica en el tiempo y en el espacio puede, así, ser comprendida en estos términos.

Keywords: Amazonia, ethnoarchaeology, polychrome pottery style, women's lives, learning and cultural transmission.

Palabras clave: Amazonía; etnoarqueología; estilo de cerámica con policromía; vidas de mujeres; aprendizaje y transmisión cultural.

1. INTRODUÇÃO

Como e porque as pessoas constroem, mantêm e transformam a cultura e as fronteiras culturais é um tema central da Arqueologia antropológica. As questões sobre a transmissão da cerâmica doméstica de mãe para filha em sociedades matrilocais formaram um impulso fundamental para o desenvolvimento do interesse de muitos arqueólogos a respeito da aprendizagem e da transmissão. Em tais contextos, os arqueólogos inicialmente esperavam por uma forte continuidade intergeracional no estilo cerâmico e com fronteiras sociais bem delimitadas (vide Longacre 2008). Atualmente, comunidades indígenas na bacia do rio Conambo, na Amazônia equatoriana, são lugares nos quais há um conjunto de razões para se esperar uma forte continuidade intergeracional no estilo da cerâmica: todas as mulheres fazem cerâmica, a maior parte das mulheres relata o aprendizado vindo da mãe; a norma de residência pós-casamento é matrilocal; a cerâmica é produzida estritamente para uso doméstico e as influências de mercado são ausentes. Nossa pesquisa etnoarqueológica em uma dessas comunidades, uma aldeia dividida em dois grupos étnicos, mostrou que essa fronteira, de fato, se encontra bem definida e significada pelo estilo cerâmico; entretanto, o estilo cerâmico está fortemente associado com as relações políticas das mulheres e apenas de maneira tênue com

a etnicidade, mesmo que a etnicidade seja uma dimensão mais hereditária da identidade social (Bowser 2000, 2002). Casos como esse talvez nos tenham levado até um ponto em que as questões de transmissão cultural e manutenção de fronteiras parecem “incontrolavelmente multidimensionais” (Wobst 1977: 317) assim como o próprio estilo material. Como isso pode fazer sentido?

A resposta mais simples é, claro, que o estilo frequentemente é um marcador simbólico de identidade social, que tanto o estilo quanto a identidade social são polissêmicos ou multivocais e que nenhum deles se torna fixo durante a vida de um indivíduo. A continuidade na cultura material não é simplesmente o resultado da transmissão inconsciente de ideias de uma geração para outra, uma forma de conservadorismo nativo, ou uma propensão de fazer as coisas da mesma forma que a geração anterior, de acordo com a maneira que foram ensinadas. Pelo contrário, as decisões de imitar ou se desviar do estilo de outrem representam as escolhas de agentes em diferentes níveis de consciência. Cada pessoa está constantemente construindo e reaccessando sua própria relação social, prestando atenção aos sinais dos outros e, em algum nível de consciência, fazendo escolhas motivadas sobre como e porque usar sinais para a identidade social. De fato, é um aspecto fundamental da psicologia social humana

a percepção, a imitação e a manipulação de sinais para a adesão em um grupo social, o que inclui os significantes comportamentais e materiais (Tajfel 1982).

Além disso, a aquisição de competência como integrante de um grupo exige o que se denomina *consciência de fronteiras* - uma percepção dos comportamentos, crenças e valores que distinguem integrantes intragrupo de integrantes extragrupo, essa consciência pode ser internalizada durante a socialização e pode ser tácita ao invés de explícita (e.g., vide Labov 1963, 1972). As fronteiras sociais incluem sinais materiais e comportamentais para divisões ou distinções culturais entre grupos. Esses sinais fornecem a base para o reconhecimento de integrantes intragrupo e integrantes extragrupo, assim como etnocentrismo e xenofobia, os vieses por vezes (mas não sempre) em favor de integrantes intragrupo e contra integrantes extragrupo. Valores positivos são atribuídos aos usos apropriados de marcadores intragrupo por seus integrantes e servem como base para cooperação, enquanto o uso inapropriado de marcadores intragrupo ou a significação de adesão extragrupo será provavelmente recebida por atitudes e comportamentos negativos e discriminatórios (Nettle & Dunbar 1997). Tais conceitos são fundamentais no desenvolvimento de estudos antropológicos sobre identidade social

tanto na teoria social contemporânea quanto na teoria evolucionista e são fundamentais para as ideias arqueológicas sobre estilo (vide e.g. Barth 1969, Bourdieu 1998 [1994: 8-9], Cashdan 2001, Cohen 1994, Dunbar et al. 1999, Levine & Campbell 1972, Royce 1983, Wiessner 1983, Wobst 1977, Yamagishi & Kiyonari 2000). Assim, o estilo da cerâmica doméstica das mulheres em Conambo pode ser entendido como parte de suas estratégias políticas motivadas e do seu processo ativo de construção, manutenção e negociação da identidade social, do pertencimento a um grupo social e das fronteiras desse grupo (Bowser 2000, 2002). Esse entendimento é consistente com as abordagens tanto com a teoria social quanto com a evolucionária.

Analisamos, aqui, dados para demonstrar que as estratégias políticas das mulheres mudam ao longo das diferentes etapas de suas vidas e que essas mulheres empregam distintas estratégias de comportamentos estilísticos conforme adquirem a competência em reconhecer símbolos estilísticos de pertencimento grupal. Para realizar essa tarefa, examinamos a importância relativa da aprendizagem intergeracional durante diferentes etapas da vida das oleiras e relacionamos essas diferenças de ciclos de vida dentro dos comportamentos estilísticos aos estágios dos ciclos de vida dentro do desenvolvimento das biografias

políticas das mulheres. Por fim, examinamos a transmissão do estilo cerâmico como parte das estratégias políticas motivadas das mulheres e a significação que elas dão a essas estratégias.

Utilizamos abordagens contemporâneas sobre a aprendizagem social, por meio de trajetórias separadas relacionadas a dois paradigmas distintos, para estruturar nossa análise e discussão: a abordagem das “comunidades da prática”, com base na teoria social e nos conceitos situados de aprendizagem e de prática, e na teoria de história de vida evolucionária, o que inclui o conceito de capital corporificado. Esperamos convencer os leitores, por meio da delimitação de uma base comum, dos pontos de intersecção teórica, das trajetórias paralelas e integração dessas abordagens, de que tais ideias possuem saliência oblíqua às fronteiras teóricas.

2. CONTEXTO TEÓRICO

As abordagens contemporâneas sobre a aprendizagem social possuem uma base comum no trabalho influente de Vygotsky (1962, 1967, 1968), cuja observação de que a aprendizagem social é mais importante durante estágios específicos da infância foi incorporada pelas teorias sociais e pelas perspectivas evolucionárias.

O princípio fundamental dessas abordagens é de que a aprendizagem está situada dentro de um contexto social, seja esse grupo uma aldeia de horticultores-coletores, onde as crianças aprendem a coletar nozes de mongongo¹ (Bock 2002), ou em uma reunião dos Alcoólicos Anônimos (Lave & Wenger 1991, Wenger 1998). A Antropologia tem experimentado uma rica e crescente literatura a respeito da aprendizagem social e enculturação em diversos contextos culturais (para exemplos recentes, veja Bock 2004, Edwards 2000, Gurven et al. 2006, Hewlett & Lamb 2005, Lancy 1996, Weisner & Edwards 2002 apud Hirschfeld 2002).

A teoria de aprendizagem situada foi desenvolvida e integrada à teoria social contemporânea, em particular, à teoria da prática, por Jean Lave e colaboradores (Chaiklin & Lave 1996, Lave & Wenger 1991, Wenger 1998) e aplicada, entre outros, por Patricia Crown (Crown 1999, 2007, Duwe 2005, Gosselain 2008, Minar & Crown 2001, Van Keuren 2006) para estudos de tradições artesanais arqueológicas. Essa abordagem descentraliza o estudo sobre aprendizagem ao mudar o foco da interação professor-aluno para os aprendizes. O conceito-chave é o da *comunidade da prática*, uma comunidade de praticantes com um senso compartilhado de identidade social. Tal

¹ Mongongo (*Schinziophyton rautanenii*) é uma árvore encontrada na região subtropical da África meridional. As nozes são de grande importância para a subsistência de povos locais, como os San (Nota do tradutor).

conceito considera que a aprendizagem envolve a socialização dentro de um grupo e a aquisição de uma nova dimensão de identidade social. Assim, a aprendizagem não é simplesmente a transmissão de informação de um indivíduo para outro. Ao invés disso, a aprendizagem é motivada pelo desejo de se tornar um integrante do grupo, de adquirir a competência tal como ela é definida pelo grupo, o que significa a adesão dentro do grupo frente àquela competência.

Um segundo conceito-chave é que os aprendizes são *participantes periféricos legítimos*. A ideia é a de que os aprendizes são novatos, inicialmente participam apenas no nível periférico e, eventualmente, tornam-se integrantes plenos por meio de um processo de socialização. Dessa forma, cada comunidade da prática possui um ciclo de desenvolvimento. A coorte mais jovem adquire competência, expande sua participação dentro das comunidades da prática, move-se para uma posição de participação plena e passa a substituir outras integrantes do núcleo, algumas podem se tornar integrantes seniores com conhecimento histórico especializado.

Um terceiro conceito da teoria da aprendizagem situada relevante para este artigo é de que o processo de transição e eventual substituição é acompanhado por uma *tensão dinâmica* na

medida em que os novatos procuram estabelecer suas identidades por meio da prática. É precisamente nesse fenômeno que as explicações de descontinuidade e mudança podem residir. A inter-relação de identidade, prática e reprodução social dos integrantes da comunidade é central nesse processo (Lave & Wenger 1991:114-15).

Uma abordagem complementar dentro da Antropologia evolutiva é a teoria de histórias de vida (vide Hill & Kaplan 1999). Nessa perspectiva, quando um indivíduo transita pelos estágios da vida - infância, adolescência, idade adulta e, por fim, a senilidade -, ele ou ela encaram diferentes restrições físicas e culturais e de demanda sobre a produção e a reprodução associada com o crescimento e desenvolvimento, a saúde, a competição social, a busca por parceiros matrimoniais adequados, a paternidade e o tornar-se avô. O resultado disso é que pessoas em diferentes estágios de vida perseguem diferentes estratégias na busca pelos melhores retornos para seus esforços - econômicos e sociais - relativos àquele estágio de suas vidas.

O conceito de capital corporificado (vide Kaplan & Bock 2001) estende a abordagem da história de vida para englobar a aquisição de habilidades, conhecimento, e competências culturais como um aspecto importante de crescimento e de desenvolvimento. Essas competências constituem

formas de capital corporificado adquiridas durante a vida do indivíduo. Tais competências possuem grandes consequências em termos da habilidade deste indivíduo adquirir e manter recursos econômicos e sociais, e de competir por esses recursos com outros. A aprendizagem dessas competências constitui um investimento para a futura produção e reprodução do indivíduo; ensiná-las para seus filhos torna-se um investimento intergeracional; e, dessa forma, conflitos de interesse tendem a surgir entre as gerações. O capital corporificado varia na forma e nos diferentes ambientes, culturas e estágios da vida (*vide* Bock 2002:168).

Segundo nossa perspectiva, o capital corporificado inclui a competência da mulher em produzir cerâmica, de reconhecer, imitar e manipular símbolos sociais e identidades pessoais e de se dedicar a estratégias políticas para melhorar sua posição social em termos de *status* e de alianças políticas. Tais competências incluem habilidades cognitivas, capacidades motoras e competências sociais. Por exemplo, o capital incorporado incluiria a habilidade cultural de jovens oleiras Shipibo-Conibo em produzir estilos complexos de motivos por volta dos dezesseis anos (DeBoer 1990) assim como as mecânicas da aprendizagem que devem ser dominadas pelas ceramistas (Crown 2007, Minar & Crown 2001).

3. CONTEXTO ETNOGRÁFICO

Conambo é uma aldeia indígena com aproximadamente duzentos falantes de Achuar e Quíchua. Ela está localizada no rio Conambo, dentro da floresta tropical das terras baixas do Leste do Equador, nas proximidades da fronteira com o Peru, na bacia do alto rio Amazonas. Em 1992 e 1993, quando foram coletados os dados para este estudo, ao longo de um período de nove meses, a aldeia era formada por vinte e quatro casas familiares estendidas, dispersas pelos terraços de frente ao rio. Aqui, o período entre 1992-1993 representa o presente etnográfico, apesar de nossa perspectiva ter sido informada por trabalhos de campo subsequentes na região (Bowser 2000, 2002, 2004, 2005; Bowser & Patton 2004, Patton 1996, 2000, 2004, 2005).

Conambo é a maior aldeia dentro do território Zapara, uma terra indígena de 250.000 hectares de propriedade coletiva das famílias que vivem ali. A cerâmica não possui nenhum acesso aos mercados de turismo em virtude da geografia remota do território. Não há estradas para esse território, que é acessível a pessoas de fora apenas por meio de pequenos aviões. A subsistência é baseada na horticultura de coivara (ou corte e queima), na caça, na pesca e na coleta. As mulheres são as responsáveis por cuidar da roça e os homens possuem a responsabilidade pela caça.

Todas as mulheres adultas possuem roças de mandioca, produzem *chicha* (uma bebida levemente fermentada) de mandioca e manufaturam lindas tigelas cerâmicas com pinturas policrômicas para servir *chicha* para sua família e para os visitantes (Bowser 2000: 234-36, Figura 3, gráficos 1 e 2). O fazer cerâmico é muito valorizado como um significante da mulher como pessoa social (Bowser 2000: 226-29) e a qualidade das tigelas produzidas por essa mulher contribui para lhe conferir o respeito dentro da comunidade (vide também Bliege Bird & Smith 2005). Todas as mulheres são ceramistas; e “ceramista” não engloba uma categoria ocupacional distinta. Há trinta e cinco ceramistas competentes em vinte e cinco casas, incluindo todas as mulheres casadas (N=29), viúvas (N=2), assim como algumas meninas não casadas (N=4).

A fronteira cultural mais saliente em Conambo é a sua divisão em dois grupos étnicos. Ambos os grupos são descritos somente em termos étnicos - os Achuar vivem a montante do centro da comunidade; e os Quíchua vivem a jusante - mesmo que cada parte seja etnicamente misturada por meio de casamentos e realinhamentos políticos, o que é facilitado por um alto grau de multilinguismo. As mulheres Achuar e Quíchua pintam suas tigelas cerâmicas de fermentado de maneira sutilmente distinta, o que indica diferenças étnicas e políticas (Bowser 2000, 2002).

Para as ceramistas em Conambo, a comunidade da prática inclui todas as mulheres e meninas que estão se tornando mulheres (Figura 1). Conforme será visto no restante do capítulo, o ciclo de desenvolvimento do aprendizado do fazer cerâmico coincide com os estágios de desenvolvimento da vida política das mulheres: jovens ceramistas que adquiriram a competência (14-29 anos de idade, N=19), ceramistas de meia-idade (30-50 anos, N=12), e oleiras mais velhas (51-65 anos, N=4).

3.1. JOVENS CERAMISTAS

Submergida na comunidade da prática, acompanhando a mãe na rotina diária, uma pequena menina brinca com argila, ela faz roletes, vasilhas beliscadas e animais em miniatura, enquanto a mãe usa roletes para construir vasos. A menina vai com a mãe procurar, selecionar e coletar argilas, pigmentos, resinas, lenha e outros materiais para o fazer cerâmico. Em algumas ocasiões, ela recebe permissão para pintar pequenos elementos de motivos nas tigelas predominantemente pintadas e feitas pela mãe, além de começar a fazer suas próprias pequenas tigelas. Entre dez e quinze anos, ela está pronta para se dedicar seriamente. Ela começa a pintar seus próprios motivos em uma tigela feita pela mãe e, às vezes, trabalha conjuntamente com ela em um motivo. Essa fornece demonstrações ocasionais assim como

verbaliza instruções, correções e elogios às técnicas manuais e à organização dos motivos pintados e, de maneira diplomática, dá uma forma adequada aos potes malformados da filha. Quando uma menina pinta uma tigela, a tigela é “dela”, independente de quem formou o corpo. Assim, as meninas tornam-se primeiro pintoras competentes para depois adquirirem, de maneira gradual, a habilidade para formarem e queimarem suas próprias tigelas. As oleiras mais competentes fazem seus vasos do começo ao fim e não precisam mais do suporte (Minar & Crown 2001:376) fornecido por suas mães ou outras mulheres.

Muitas vezes, em uma casa cheia de crianças, as mulheres adultas escolhem os horários mais calmos para trabalharem em seus potes de forma que consigam se concentrar. Entretanto, as mulheres jovens dizem que “outras vem ajudar a pintar” quando alguém está aprendendo, e não é incomum ver duas cunhadas ou um pequeno grupo de irmãs e primas sentado próximo, conversando, rindo e pintando tigelas cerâmicas. Uma mulher casada pode visitar sua sogra e fazer cerâmica, utilizando a argila e os pigmentos da sogra, além de pedir instruções intermitentes para a execução de um motivo, enquanto passam algum tempo juntas.



Figura 1 - Uma oleira mais velha em Conambo senta-se quieta e se concentra em pintar uma tigela, enquanto suas netas se divertem e aprendem a pintar tigelas sob a tutela da anciã. Foto: Brenda Bowser (1993).

A maioria das mulheres aprende a fazer cerâmica com suas mães (56% ou dezenove de trinta e quatro oleiras entrevistadas), apesar de algumas relatarem terem aprendido com a avó (6%), a madrasta (6%), a cunhada (3%), ou por meio de uma tia distante (3%), pela observação de outras mulheres (15%), ou por serem autodidatas (12%) (Bowser 2002). A maioria das jovens mulheres aprende a fazer tigela para fermentados aos quinze anos e todas as mulheres atingem a competência cerâmica por volta dos vinte anos (Bowser 2002), o que marca sua transição para a vida adulta. Em geral, uma menina em Conambo se casa por volta dos quinze anos, vive com o marido no complexo habitacional dos pais dela, desenvolve sua roça, dá à luz aos primeiros filhos e depois estabelece uma pequena casa com seu marido e as crianças pequenas nas proximidades dos parentes dela, dentro das redondezas matrilocais de casas agrupadas livremente. Assim, a maioria das oleiras jovens (dezesete de dezenove) vive matrilocalmente.

Muitas jovens oleiras procuram por novas ideias para expandir seus repertórios estilísticos ou estudam com pintoras altamente habilidosas para aprimorar sua técnica e conhecimento de motivos. Após o casamento, a vida social das jovens mulheres está menos circunscrita, conforme passam a viajar e a mover suas residências junto

com seus maridos. Algumas modificam seus estilos decorativos durante visitas estendidas à sogra em outra aldeia, durante os primeiros anos do casamento, durante visitas a outras famílias que são acessadas por caminhadas por meio de um extenso sistema de trilhas que corta a região ou ao viajar de canoa ao longo do rio, ou pela ressocialização dentro de uma nova comunidade ou casa. Nessa sociedade matrilocal, em que se valoriza a criatividade e a originalidade do fazer cerâmico, mulheres jovens relatam o aprendizado de novos estilos de outras mulheres como escolhas ativas que fizeram quando passaram a se interessar em aprender novas técnicas, às vezes porque a pintura de suas instrutoras originais era *medio mal*, e não em virtude de críticas ou pressão para se adequarem, diferente de casos de ressocialização pós-matrimonial relatados por produtoras de cerâmica em sociedades patrilocais (Herbich & Dietler 2008, Wallaert 2008).

3.2. CERAMISTAS DE MEIA-IDADE

A meia-idade é um período em que as mulheres ampliam a participação dentro das comunidades da prática. As mulheres estabeleceram casas independentes com seus maridos. Durante a meia-idade, elas sustentam grandes famílias por meio de suas roças e suas próprias filhas atingem a idade de matrimônio e se casam. De maneira gradual,

as mulheres de meia-idade constroem residências expandidas. Muitas se mudaram das comunidades de suas mães e pais (nove de doze). Elas expandem suas redes políticas e reforçam seu *status* dentro da aldeia. As mulheres nesse grupo de idade estão na plenitude da atividade política e da sua posição social dentro da comunidade. Por volta dos trinta e cinco anos de idade, elas aprenderam a fazer grandes jarros de fermentação que suas mães antes faziam para elas (Bowser 2002:65-72). Elas herdaram o conhecimento do fazer cerâmico, ou *sabiduría*, de suas mães ou de outras mulheres mais velhas. Seus vasos pintados exibem grande individualidade, uma qualidade admirada.

3.3. CERAMISTAS MAIS VELHAS

A velhice é um período de grande *status* para todas as mulheres em Conambo. As mulheres mais velhas criam seus filhos mais jovens e tomam conta dos netos e bisnetos conforme as habitações vão se tornando mais apertadas. Elas mantêm suas roças, mas com uma quantidade menor de mandioca, o alimento básico, e com maior variedade de árvores frutíferas, que levaram anos para serem criadas e amadurecerem. Todas as mulheres mais velhas produzem cerâmica, incluindo uma viúva que vive com seu enteado. Elas possuem menor participação na política. Em cada um dos grupos, entretanto, a mulher mais velha com maior *status*

é a matriarca da vizinhança, formada por uma família estendida, e é uma das fundadoras da aldeia, além de continuar sendo a anfitriã de grandes encontros em sua casa. A maioria das ceramistas em seu grupo presta atenção na maneira que ela está pintando seus motivos nas tigelas de cerâmica para fermentados, o que facilmente distingue suas tigelas das demais.

Uma mulher entrega cerimonialmente suas ferramentas de fazer cerâmica para uma filha ou outra mulher quando está próxima da sua morte. Esse ato marca a transferência da *sabiduría*. O conhecimento espiritual ancestral do fazer cerâmico que está corporificado nos raspadores de cabaça e nas pedras de polir de cada mulher, um exemplo de agência não humana (Gell 1998) nesse contexto. Quando ela é enterrada, outras mulheres vão deixar comida e chicha em suas tigelas sobre o túmulo dela. Assim, a participação da comunidade da prática percorre a vida de uma mulher e marca o seu fim.

4.0 DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DAS MULHERES

A política em Conambo envolve a competição e o exercício do poder sobre assuntos de interesse público em que homens e mulheres são participantes ativos e os desdobramentos possuem consequências. Em pesquisa anterior,

demonstramos que as redes políticas das mulheres são diferentes das dos homens, porque algumas mulheres constroem alianças transversais à divisão política da aldeia, situando-se de maneira a servirem de mediadoras, ou de intermediárias políticas, dentro de dois grupos étnicos (Bowser & Patton 2004:165-69). A seguir, apresentamos a análise dos dados sobre *status* e alianças para demonstrar que as estratégias políticas das mulheres mudam durante diferentes estágios de suas vidas. Primariamente, algumas mulheres buscam estratégias de construções de alianças que atravessam a divisão política durante a meia-idade, período em que suas posições como intermediárias políticas podem reforçar seu *status* dentro da aldeia.

4.1. O STATUS DA MULHER E OS ESTÁGIOS DE VIDA

Em Conambo, a mulher cujas habilidades de liderança emergem com mais frequência e de maneira mais clara que a de outras mulheres é reconhecida como uma *amu* (Quíchua) ou *juuntach* (Achuar). Essa mulher é tida como “mais importante” que as outras, uma característica a que nos referimos aqui como “*status*”. Em particular, uma mulher importante é descrita em termos da sua maturidade e do seu papel dentro das atividades políticas, o que inclui suas habilidades

em organizar consensos, em persuadir, de falar em público, de mediar e de resolver conflitos. A análise quantitativa dos dados sobre o *status* e a idade das mulheres em Conambo sustenta três pontos-chave. Primeiro, o *status* da mulher aumenta de maneira significativa conforme ela envelhece, de forma consistente com as expectativas antropológicas e as declarações das informantes. Segundo, é possível definir três estágios de vida com base no *status* e na idade da mulher. Terceiro, a meia-idade é o período no qual a mulher pode ganhar ou perder *status* em relação à sua idade, o que sugere que a meia-idade é um período crítico dentro da história de vida das mulheres.

Para essa análise, foi pedido para que quinze mulheres julgassem o *status* relativo de vinte e sete ceramistas competentes, o que incluiu vinte e quatro chefes de habitação e três que residiam na casa de outrem (uma viúva e duas filhas solteiras). Para cada informante foram mostradas as fotografias de vinte e sete ceramistas, apresentadas em conjuntos aleatórios de três fotografias e foi pedido para que elas identificassem a mulher mais importante e a segunda mais importante na tríade. Foi pedido para cada informante realizar vinte julgamentos comparativos de tríades, em um total de 810 julgamentos. O *status* de cada oleira foi calculado pelo assinalar de dois pontos para a ceramista classificada em primeiro em cada tríade,

um ponto para a segunda ceramista ranqueada e nenhum ponto para a ceramista remanescente; esses pontos eram então somados.

A figura 2 mostra que a correlação entre o *status* das mulheres aumenta conforme elas envelhecem. A correlação de regressão linear é altamente significativa ($r^2 = 0.720$, $p = 0.000$, $N = 27$). Entretanto, a relação entre o *status* e a idade da mulher é projetada pela equação quadrática ($r^2 = 0.839$), que é representada pela curva. O *status* cresce fortemente durante os anos de juventude das mulheres e se nivela conforme elas envelhecem. A figura 2 também apresenta a base para a nossa definição de três coortes: mulheres jovens com baixo *status* (menos de trinta anos de idade), mulheres de meia-idade com *status* variável (entre trinta e cinquenta anos de idade), e mulheres mais velhas (mais de cinquenta anos de idade) com alto *status*. Esses grupos se distinguem pelo fato de que o *status* de mulheres jovens e mulheres mais velhas é altamente previsível com base na idade, enquanto o *status* de mulheres de meia-idade varia consideravelmente. Em outras palavras, as mulheres de Conambo não julgam o *status* de mulheres de meia-idade com base somente na idade e a explicação para as diferenças de *status* entre mulheres de meia-idade deve ser buscada em outras variáveis.

4.2. A CENTRALIDADE POLÍTICA DAS MULHERES E OS ESTÁGIOS DE VIDA

Analisamos aqui os dados sobre as alianças políticas e o *status* das mulheres para avaliar os estágios de vida em que as mulheres tendem a se engajar em posições de intermediação entre os dois grupos étnicos. Identificamos que a centralidade política tende a ocorrer durante a meia-idade e que ela contribui de maneira significativa para o *status* da mulher. A idade não é o único indicador de *status* em Conambo, e as mulheres de meia-idade podem salientar ou diminuir suas posições de importância na aldeia por meio de suas próprias agências.

Medidas quantitativas da semelhança das alianças das mulheres foram aplicadas com base no nosso trabalho anterior (Bowser & Patton 2004:164-69) com o objetivo de analisar as redes de alianças políticas das mulheres dentro da aldeia. Também foi pedido para as informantes, que realizaram tarefas de ranqueamento social, para julgarem as alianças com base nas mesmas fotos apresentadas em grupos de três. Pediu-se que as informantes indicassem qual das relações diádicas representadas na tríade era a mais forte. Tal julgamento foi solicitado ao se pedir que elas indicassem quais duas mulheres provavelmente realizariam uma aliança, ou “se juntariam”, caso de um problema ou conflito surgisse e envolvesse as

três mulheres. As alianças entre mulheres foram medidas pelo número de vezes em que elas foram julgadas por possuir as alianças mais fortes dividido pelo número de vezes em que ambas as mulheres apareciam em uma tríade. As semelhanças entre as alianças das mulheres foram medidas quanto ao grau em que as mulheres compartilhavam o mesmo grupo de aliadas.

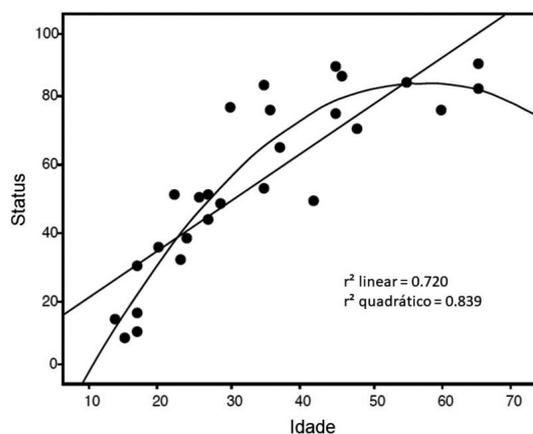


Figura 2- A idade e o *status* das mulheres em Conambo.

A figura 3a é uma representação espacial das redes políticas das mulheres em Conambo. Ela sugere um ciclo de desenvolvimento em que as mulheres mais jovens começam como integrantes políticos periféricos da comunidade, movendo-se em direção ao centro político durante a meia-idade, e depois se movendo de novo para a periferia conforme envelhecem e são deslocadas por mulheres de meia-idade. As mulheres periféricas da figura 3a tendem a ser mulheres jovens e mais

velhas. As mulheres de meia-idade tendem a ser mais centrais. O agrupamento central define o núcleo político das redes de mulheres dentro da aldeia. Mais especificamente, ela inclui as mulheres jovens mais próximas da meia-idade (idade de vinte e sete a vinte e nove), assim como a maioria das integrantes da coorte da meia-idade (idades de trinta a quarenta e cinco), o que indica que as mulheres possuem maior probabilidade de se deslocarem para o centro político conforme atingem a meia-idade, momento em que seu *status* varia independentemente da idade, e passam então a se mover para a periferia depois dos quarenta e cinco anos, quando seu *status* começa a nivelar. As integrantes mais novas do grupo das jovens (idades de quatorze a vinte e seis) e as mais velhas do grupo da meia-idade (mais de 45 anos) possuem maior possibilidade de serem periféricas, em comparação a mulheres com idades entre vinte e sete e quarenta e cinco. Tais observações são sustentadas pelo fato de que a média na semelhança da aliança (a medida de centralidade) para mulheres de vinte e sete a quarenta e cinco anos ($N = 11$) é significativamente mais alta que a das mulheres mais jovens e mais velhas ($N = 16$), com base no teste t ($p = 0.020$). Esse padrão de movimentação em direção ao centro político durante a meia-idade é condizente com a teoria de aprendizagem situada, que prevê que as integrantes vão expandir sua participação na

comunidade da prática conforme amadurecem, desde a periferia até a participação plena.

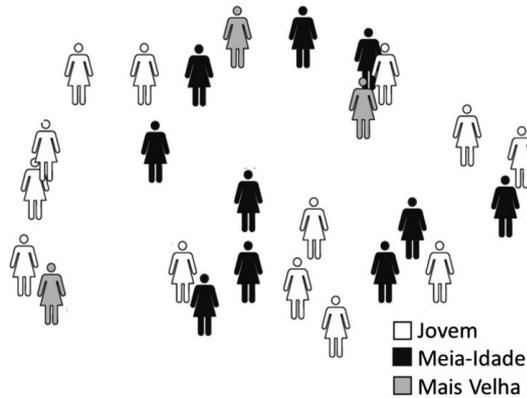


Figura 3a – Escala Multidimensional (MDS) da matriz de alianças ceramista por ceramista. Cada mulher é representada por um ícone, codificado pela sua categoria de idade. A distância próxima entre os ícones indica que as mulheres dividem as mesmas alianças, e a proximidade ao centro representa centralidade política.

As mulheres que são politicamente centrais na aldeia estão posicionadas como intermediárias políticas entre os dois grupos (Figura 3b). Essas agentes políticas ocupam posições que herdam tensão e risco, uma vez que as mulheres que possuem as relações transversais mais fortes dentro da divisão política correspondem a relações mais fracas dentro de seus grupos. De fato, há uma correlação negativa significativa entre as semelhanças de alianças internas e externas ao grupo ($r = 0.704$, $p = 0.000$, $N = 27$). Talvez por essa razão exista uma considerável variação quanto ao grau que as mulheres perseguem, ou adquirem,

posições políticas intermediárias conforme atingem a meia-idade; há uma variação significativamente maior na média de semelhanças nas alianças de mulheres com idades entre vinte e sete e quarenta e cinco ($N = 11$) em comparação com mulheres mais jovens e mais velhas ($N = 16$), tendo como base uma análise de variância ($p = 0.020$). O potencial para um *status* de competição durante a meia-idade, quando as mulheres constroem suas alianças, é consistente com a teoria da aprendizagem situada, que prevê uma tensão dinâmica durante o processo de substituição no qual aprendizes periféricos tornam-se participantes plenos e substituem o grupo anterior.

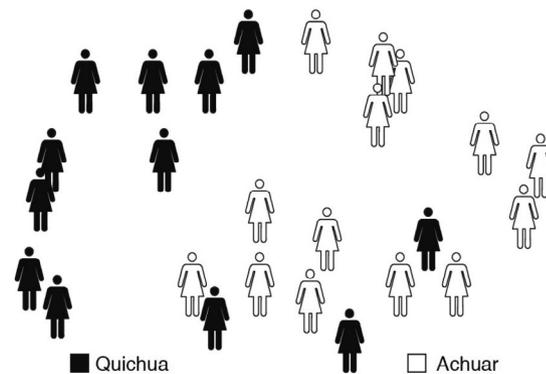


Figura 3b – A MDS da figura 3a codificada pelo grupo político das mulheres mostra que as posições de centralidade política são intermediárias entre Achuar e Quichua.

Ainda assim, esses papéis de agência política são posições de grande *status*. Há uma correlação positiva e significativa entre o *status* da mulher

e a semelhança de alianças extragrupo, quando a idade é controlada como uma variável ($r = 0.423$, $p = 0.031$, $N = 27$). Em outras palavras, uma mulher que desenvolve alianças extensivas transversais à divisão política provavelmente terá um *status* maior do que o esperado para a sua idade. Todavia, as mulheres que possuem alianças mais fracas extragrupo tendem a ter menos *status* do que o esperado para a sua idade; há uma significativa correlação negativa entre o *status* da mulher e a semelhança de alianças intragrupo, quando a idade é uma variável controlada ($r = -0.535$, $p = 0.005$, $N = 27$). Em síntese, a meia-idade é um período quando as mulheres podem reforçar o seu *status* por meio de sua própria agência pela busca e conquista de papéis de intermediação política.

5. O DESENVOLVIMENTO DOS ESTILOS DAS MULHERES

No restante deste artigo, vamos examinar o desenvolvimento dos estilos cerâmicos das mulheres dentro do contexto de seus estágios de vida política, o que inclui a percepção dos marcadores políticos da associação a um grupo, a influência do parentesco e do casamento como vetores de transmissão, e as suas “redes estilísticas” – os conjuntos de mulheres com quem elas dividem estilos semelhantes. Identificamos que as mulheres em todos os estágios de vida fazem cerâmica que

se assemelha àquela de suas parentes matrilineares mais próximas. Além disso, as mulheres de meia-idade são fortemente influenciadas pelo estilo de outras mulheres de sua geração, que estão se tornando suas aliadas políticas conforme seu grupo se move em direção ao centro político. Elas se tornam mais competentes em distinguir os marcadores estilísticos dos grupos. O que elas fazem durante um estágio da vida em que as estratégias são mais importantes, na medida em que elas ganham ou perdem *status* a depender do sucesso de suas estratégias de construção de alianças. Ao mesmo tempo, mulheres de meia-idade são menos influenciadas pelas sogras e parentes patrilineares da geração anterior, que elas vão eventualmente substituir.

5.1. ADQUIRINDO COMPETÊNCIA: PERCEPÇÃO DOS MARCADORES ESTILÍSTICOS DA FILIAÇÃO A UM GRUPO

O estilo cerâmico em Conambo é um marcador social que contribui para a consciência de fronteiras e que marca as diferenças políticas e étnicas entre os dois grupos. O estilo consiste em marcadores intragrupo, extragrupo e um conjunto de variáveis que são amplamente compartilhadas dentro da divisão política. Tais conceitos foram avaliados e substanciados pelo teste das habilidades das mulheres em distinguir as tigelas das mulheres

Achuar e Quíchua (Bowser 2000: 237-41, 2002: 206-34). Em um teste cego, trinta e três tigelas para fermentados pintadas foram mostradas para vinte e oito mulheres, e elas foram requisitadas a identificar se os vasos teriam sido feitos por ceramistas Achuar ou Quíchua; de maneira geral, as mulheres foram muito precisas. Aqui, reanalisamos aqueles dados para avaliar os estágios de vida em que as ceramistas adquiriram a competência em identificar marcadores estilísticos internos e externos ao grupo.

No geral, a habilidade em categorizar com precisão as tigelas feitas por outras ceramistas em Conambo não varia de forma significativa com a idade. Entretanto, a habilidade de uma mulher em categorizar com precisão as tigelas feitas por ceramistas do seu grupo (sua precisão intragrupo) aumenta com a idade. Há uma correlação positiva entre a precisão intragrupo da ceramista e sua idade ($r = 0.478$, $p = 0.010$, $N = 28$). Jovens ceramistas ($N = 14$) são significativamente menos precisas que as ceramistas de meia-idade ($N = 11$), com base em um teste t ($p = 0,040$), e a diferença entre ceramistas jovens e mais velhas ($N = 3$) é significativa, com uma certeza de 94% ($p = 0.054$), enquanto não há diferença significativa entre as coortes de meia-idade e as demais.

Por contraste, a habilidade de uma mulher em categorizar as tigelas feitas por ceramistas do

grupo oposto (sua precisão extragrupo) não varia significativamente de acordo com sua idade ou coorte, apesar das mulheres mais velhas serem até certo ponto menos precisas. A maioria das mulheres é altamente precisa em reconhecer tigelas extragrupo (Bowser 2000: 238-39). Assim, as mulheres jovens já adquiriram essa habilidade quando elas se tornam ceramistas competentes, antes de aprender os marcadores estilísticos intragrupo.

5.2. A INFLUÊNCIA DO PARENTESCO E DO CASAMENTO NA TRANSMISSÃO DO ESTILO CERÂMICO EM DIFERENTES ESTÁGIOS DE VIDA

Quais são os vetores primários da transmissão do estilo cerâmico durante os diferentes estágios de vida das ceramistas? Aqui, iremos examinar a influência do parentesco e do casamento para considerar a importância de longo prazo do contexto de aprendizagem desde cedo *versus* outras influências sobre o estilo de uma mulher conforme ela amadurece. Concluímos que as influências estilísticas variam ao longo da vida da ceramista em Conambo (vide discussões comparativas em Kramer 1985:83-88 e Stark 2003:211-213). O parentesco matrilinear próximo influenciará fortemente o estilo cerâmico das mulheres em todos os grupos de idade. Além disso,

as ceramistas de meia-idade vão expandir seus repertórios estilísticos de maneira a incorporar mais influências estilísticas vindas de mulheres da sua própria geração, que estão se tornando suas aliadas políticas, enquanto a influência da geração anterior declina.

Analisamos oitenta atributos de vinte e uma variáveis (três variáveis do estilo tecnológico [tratamento de superfície, forma do vaso e forma da base] e dezoito variáveis do estilo decorativo [simetria do motivo interior vs. exterior, cor do engobo, cores primárias e secundárias do motivo, e a presença ou ausência de linhas delimitadoras superiores e inferiores; além disso, a presença ou ausência de ponteados nas partes superiores e inferiores do interior das tigelas]), o que inclui todas as variáveis identificadas como sendo significantes durante as pesquisas anteriores sobre a cerâmica de Conambo (Bowser 2000, 2002). O objetivo da análise foi medir a semelhança estilística entre as tigelas das mulheres. As semelhanças estilísticas foram calculadas com base em quarenta tigelas feitas para uso doméstico por trinta das trinta e cinco ceramistas das três coortes: jovens (N = 16), meia-idade (N = 10) e mais velhas (N = 4). A princípio, a semelhança estilística absoluta seria 1.000 e indicaria atributos idênticos para todas as vinte e uma variáveis, e a dessemelhança absoluta seria 0.000. Na prática, a análise de semelhança

ceramista interna (N = 15 na comparação entre pares) produziu uma média de semelhança estilística de 0.653, que variou de 0.533 até 0.800). De maneira geral, a semelhança entre pares de diferentes ceramistas (N = 434 na comparação entre pares) variou entre baixa (0.200) e alta (0.800), com uma média de 0.518, o que indica um amplo espectro de variação nas semelhanças estilísticas entre as ceramistas, assim como o uso de atributos estilísticos amplamente compartilhados dentro da aldeia.

O gráfico 1 apresenta a semelhança estilística média entre as ceramistas em cada coorte e as demais ceramistas, de acordo com suas relações primárias de parentesco e de casamento. Os valores para as ceramistas mais velhas são subsumidos em termos de suas relações com ceramistas mais jovens e de meia-idade; nenhuma das ceramistas mais velhas está relacionada uma com a outra por parentesco ou casamento, então uma análise de coorte é inviável. Mulheres de meia-idade não possuem avós vivas, então não há nenhum valor apresentável para essa relação. Todas as relações avós-netas estão englobadas; todas são matrilineares, com exceção do caso de uma avó que criou as duas filhas do seu filho, classificadas aqui como netas matrilineares, visto que a matrilinearidade dentro dessa análise cultural implica residir junto no contexto inicial do

aprendizado. De maneira semelhante, classificamos padrastos como parentes se eles criaram a criança.

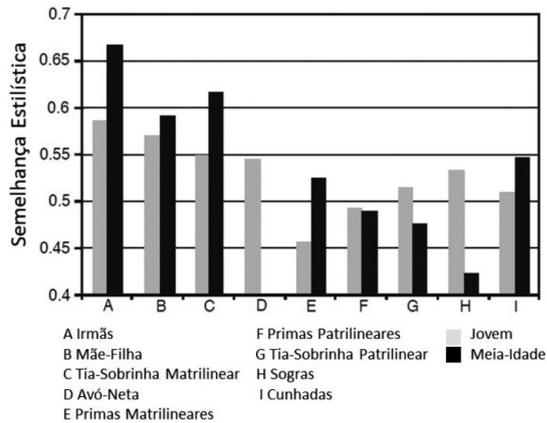


Gráfico 1 - A semelhança estilística média entre as ceramistas em cada coorte e todas as demais ceramistas, de acordo com suas relações primárias de parentesco e de casamento. Por exemplo, a primeira barra cinza, à esquerda, mostra que a semelhança estilística média entre as ceramistas jovens e suas irmãs é de 0.586, o que significa que há uma média de correspondência de 58.6% dos atributos das suas tigelas.

Para as ceramistas mais jovens, os padrões encontrados no gráfico 1 são consistentes com as expectativas de uma forte transmissão vertical de estilo cerâmico de geração para geração dentro de uma sociedade matrilinear. Relações muito próximas de parentesco são os indicadores mais fortes de semelhança de estilo. O estilo cerâmico das mulheres mais jovens, em geral, é mais semelhante ao de suas irmãs e das parentes matrilineares mais

velhas: mães, tias maternas e avós. A relação dessas jovens ceramistas com suas sogras é de influência intermediária, próxima àquela de uma avó. Os laços de casamento horizontais com as cunhadas são menos importantes. As ceramistas mais jovens demonstram a menor semelhança com as parentes patrilineares, incluindo suas primas e tias patrilineares.

Para as mulheres de meia-idade, as relações muito próximas de parentesco matrilinear também são os indicadores mais fortes de semelhança estilística (Gráfico 1). De fato, a semelhança estilística com as parentes matrilineares mais próximas aumenta durante esse estágio da vida, com média de 66.7% entre mulheres de meia-idade e suas irmãs, 59.1% para mães de meia-idade e suas filhas, e 61.7% para tias de meia-idade e suas sobrinhas. Tais números são semelhantes à média de semelhança das tigelas feitas pela mesma ceramista, que foi de 65.3%. Em outras palavras, as tigelas feitas por mulheres de meia-idade e suas parentes matrilineares mais próximas podem ser tão parecidas quanto as tigelas feitas pela mesma ceramista. Isso é especialmente válido para mulheres de meia-idade e suas irmãs.

Tabela 1 – O *ranking* das semelhanças estilísticas entre as ceramistas mais jovens e suas parentes versus as ceramistas de meia-idade e suas parentes.

Parentesco	Ceramista Jovem	Ceramista de Meia-Idade
Irmãs	1	1
Mãe-Filha	2	3
Tia-sobrinha matrilinear	3	2
Avó-neta	4	*
Sogra-nora	5	8
Tia-sobrinha patrilinear	6	7
Cunhadas	7	4
Primas patrilineares	8	6
Primas matrilineares	9	5

Nota: 1 = maior média no *ranking* de semelhança, conforme apresentado no gráfico 1.

* Nenhuma mulher de meia-idade possuía avós em Conambo.

Além disso, as ceramistas de meia-idade diferem das ceramistas mais jovens quanto à importância das predições que as mulheres de sua geração fazem sobre as semelhanças estilísticas. As diferenças na ordem do *ranking* das semelhanças (sintetizadas na tabela 1) quanto a quatro relações diferentes indica que ceramistas de meia-idade são influências por, ou são influentes em, um diferente conjunto de relações em comparação com as ceramistas mais jovens. Enquanto as ceramistas mais jovens apresentam as menores quantidades de semelhanças estilísticas com suas primas matrilineares, pontuando em 9 de 9, tal relação é mais importante para prever as semelhanças estilísticas para ceramistas de meia-

idade, pontuando em 5 de 8. A importância das cunhadas também aumenta de forma semelhante durante a meia-idade, em uma ordem 7 de 9 para as ceramistas mais jovens e 4 de 8 para as ceramistas de meia-idade. Em contraste, a influência das sogras é dramaticamente menor, caindo 5 de 9 para as jovens ceramistas para último (8 de 8) para as ceramistas de meia-idade. A influência das tias patrilineares também é baixa, caindo no *ranking* antes 6 de 9 para 7 de 8. Em outras palavras, as relações de transmissão horizontais com integrantes da mesma geração aumentam de importância durante a meia-idade, enquanto ocorre o declínio de relações de transmissão verticais entre integrantes de diferentes gerações.

A maioria das ceramistas (34 de 35) de Conambo está relacionada a alguma outra por meio de parentesco ou de casamento. Entretanto, isso não significa que todas as oleiras estão relacionadas umas com as outras. Entre as ceramistas dentro do mesmo grupo, apenas 15.5% de todas as relações entre pares são baseadas em parentesco e 7.8% são baseadas em casamento. Nenhuma ceramista possui parente mulher no grupo externo, apesar de dois pares de ceramistas possuírem parentescos afins que cruzam a divisão desses grupos. Em síntese, a influência do parentesco e do casamento nas semelhanças estilísticas são insuficientes para explicar as diferenças estilísticas quanto ao grupo entre os Achuar e os Quíchua. Como então podemos entender as estratégias estilísticas das mulheres durante seus estágios de vida de maneira mais compreensiva e relacioná-los ao uso do estilo cerâmico como um marcador de fronteiras em Conambo? Retornamos à ideia de que a resposta reside nas estratégias das mulheres em construir alianças, o que compreende as múltiplas dimensões das suas relações de casamento, parentesco, idade, *status*, etnicidade, história e confiança.

5.3. AS REDES ESTILÍSTICAS DAS CERAMISTAS DURANTE OS DIFERENTES ESTÁGIOS DA VIDA

Nesta última subseção, analisamos as redes

estilísticas das mulheres, ou as redes de ceramistas que compartilham estilos similares, durante diferentes estágios da vida. No caso de as mulheres simplesmente copiarem os estilos das outras mulheres com quem interagem, seria esperado que as de meia-idade (mais que as de outras coortes) produzissem cerâmica semelhante a das mulheres do seu grupo etário em ambos os grupos, na medida em que a coorte da meia-idade move-se em direção à centralidade política dentro da aldeia. Entretanto, se a consciência e o uso apropriado dos marcadores sociais são importantes e fatores estratégicos na materialização das fronteiras dos grupos, esperaríamos que mulheres de meia-idade, em particular, produzissem cerâmica similar ao estilo de outras integrantes intragrupo e que diverge daquele estilo extragrupo, apesar das interações perpendiculares à divisão dos grupos. Nossas descobertas apoiam essa expectativa.

O gráfico 2 apresenta a média dos índices de semelhança da rede estilística para as ceramistas nas três coortes, de acordo com suas relações intragrupo e extragrupo. Esses índices indicam o grau que as ceramistas em cada coorte são influenciadas pela mesma mulher dentro da aldeia. Nosso conceito de rede estilística é baseado na premissa de que as ceramistas não empregam um “estilo cerâmico”, que é monolítico, estático ou compartilhado de maneira uniforme dentro

de um grupo de mulheres. Ao invés disso, as influências estilísticas de uma mulher são como redes ou conjuntos, constituídos de forma única e sobrepostos uns sobre os outros. Dessa maneira, construímos uma medida para a rede de semelhanças estilísticas das ceramistas, com base na mesma metodologia de análise de redes sociais utilizadas para as alianças políticas das mulheres. Um benefício adicional é que essa abordagem compara todas as tigelas dentro da amostra, o que representa um conjunto mais amplo de relações que o da nossa análise de semelhança estilística anteriormente citada.

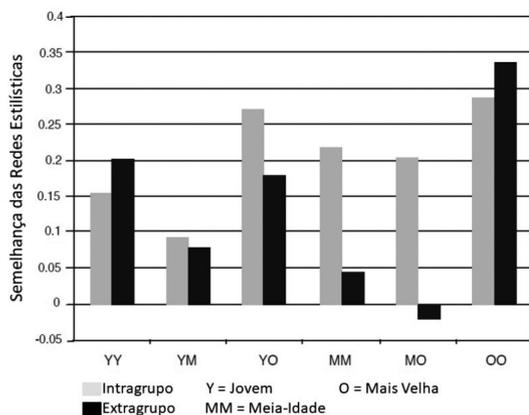


Gráfico 2 - A pontuação média das semelhanças das ceramistas nas três coortes de acordo com suas relações intragrupo e extragrupo. Por exemplo, a primeira barra cinza à esquerda mostra que a pontuação média entre uma jovem ceramista e outras jovens ceramistas do mesmo grupo (intragrupo) é de 0.154, enquanto a segunda barra cinza, à esquerda, mostra que a pontuação média entre uma jovem ceramista e uma ceramista de meia-idade no mesmo grupo é de 0.093. Em outras palavras, as ceramistas jovens participam das redes estilísticas de outras jovens ceramistas à sua maneira, mas elas são menos influenciadas pelos motivos de ceramistas de seu próprio grupo.

Juntamos as medidas de semelhança estilística dentro de uma matriz para medir a semelhança das redes estilísticas entre as mulheres. Para cada par de mulheres foi assinalado um valor com base no grau de similaridade de suas tigelas com a das outras mulheres da aldeia. Se a tigela da mulher A e da mulher B compartilhava o mesmo grau de semelhança com a tigela da mulher C, essa comparação iria contribuir para uma maior pontuação de semelhança de rede para as mulheres A e B, mas se a tigela da ceramista A compartilhasse um maior grau de semelhança com a tigela da oleira C e a tigela da ceramista B possuísse um baixo grau de semelhança com a ceramista C, então a comparação iria contribuir para uma menor pontuação de semelhança de rede para as ceramistas A e B. Cada par de mulheres foi comparado a cada uma das outras 28 ceramistas, uma por vez, para calcular suas semelhanças de redes estilísticas. A pontuação resultante é um coeficiente de correlação Pearson.

O gráfico 2 mostra que as ceramistas mais jovens participam mais nas redes estilísticas das ceramistas mais velhas de seu grupo, e menos naquelas das ceramistas de meia-idade. O que corrobora com a análise de semelhança estilística acima, que identificou uma forte transmissão vertical entre as gerações mais velhas e mais jovens, e a descontinuidade estilística entre

ceramistas mais jovens e de meia-idade. Além disso, as ceramistas mais jovens exibem uma quantidade considerável de sobreposição com as redes estilísticas do grupo oposto, assim como as mulheres mais velhas, durante os estágios de vida em que ambas as coortes participam menos dentro da política intragrupo, e a consciência da fronteira política é provavelmente menos importante.

As mulheres de meia-idade tendem a participar mais nas redes estilísticas de outras ceramistas de meia-idade e de mulheres mais velhas dentro de seu grupo (Gráfico 2). Em comparação com as ceramistas mais jovens, as ceramistas de meia-idade apresentam influência de transmissão horizontal em suas tigelas, mais uma vez corroborando com a análise de semelhança política acima. Isso corresponde ao tempo, durante suas vidas, em que elas estão em uma posição política mais central dentro da comunidade, construindo e fortalecendo as alianças com outras mulheres de meia-idade dentro e por meio das fronteiras políticas dos dois grupos étnicos.

Além disso, as mulheres de meia-idade apresentam o maior grau de consciência de fronteira. Durante o período em que a semelhança estilística extragrupo pode afetar negativamente o seu *status* dentro da aldeia, elas exibem a menor semelhança estilística extragrupo de qualquer coorte. Mulheres conferem um baixo *status* para ceramistas que fazem

suas tigelas de maneira semelhante às de mulheres do grupo oposto; há uma correlação negativa significativa entre o *status* de idade corrigida e sua semelhança de rede estilística extragrupo ($r = -0.488$, $p = 0.018$, $N = 23$).

6. ESTÁGIOS DE VIDA E AS MUDANÇAS NAS ESTRATÉGIAS DE SIGNIFICAÇÃO

O estilo cerâmico não pode ser explicado simplesmente em termos de quem ensinou quem durante os diferentes estágios da vida, um modo dominante único de transmissão, nem uma cópia aleatória de erros. Cada um desses fatores, todavia, fornece uma explicação parcial para a variação na cultura material. Precisamos continuar construindo nossos modelos, humanísticos e empíricos sobre aprendizagem e transmissão, e testá-los em diferentes contextos culturais. Argumentamos que as estratégias de significação devem ser parte dos nossos modelos caso se espere compreender o estilo material como um marcador de fronteiras culturais. Além disso, é importante considerar que as pessoas mudam suas estratégias ao longo de suas vidas, o que inclui suas estratégias de significação, na medida em que adquirem competências em várias áreas e que suas identidades como pessoas sociais mudam.

Acima de tudo, a análise demonstrou que a influência do parentesco matrilinear próximo sobre

o estilo da cerâmica de uma mulher é muito forte para todas as idades em Conambo. Entretanto, as ceramistas empregam estratégias diferentes de comportamento estilístico conforme adquirem a competência em reconhecer os símbolos estilísticos da filiação a um grupo, assim aumentam sua participação da vida política da aldeia e então se tornam integrantes seniores do grupo. Essas estratégias de conformidade e não conformidade contribuem para a variação no motivo da cerâmica dentro da aldeia (vide Graves 1985 para um caso comparativo). Ademais, essas estratégias possuem consequências; as mulheres de Conambo cujo estilo cerâmico é influenciado por ceramistas do grupo oposto possuem menos *status* que o esperado para a sua idade, o que é consistente com outros achados que usam marcadores extragrupo, e é provável que a significação da filiação extragrupo evoque atitudes discriminatórias negativas (Nettle & Dunbar 1997).

Ceramistas jovens tendem a imitar o estilo pintado de parentes matrilineares próximas e de mulheres mais velhas com *status* elevado. Elas ainda estão aprendendo e adquirindo as competências de uma adulta madura. Ainda não reconhecem totalmente os marcadores estilísticos de mulheres de seu próprio grupo étnico, ainda que elas produzam cerâmica pintada, que é prontamente identificável como cerâmica intragrupo, uma vez

que elas imitam os estilos pintados das mulheres mais velhas de seu grupo.

Além disso, as mulheres jovens distinguem-se quanto ao estilo da geração de ceramistas das suas mães, a quem elas vão substituir politicamente nos próximos anos. Assim, enxergamos descontinuidade entre o estilo cerâmico pintado das jovens ceramistas e das ceramistas de meia-idade, consistente com as expectativas de tensão dinâmica, descontinuidade e mudança previstas a acompanhar a substituição de mulheres de meia-idade por integrantes mais jovens de uma comunidade da prática. Da mesma forma, a tensão inerente nesse processo de separação e descontinuidade estilística é prevista na teoria da história de vida, que antecipa os conflitos de interesse que surgem entre gerações conforme as mulheres mais jovens buscam estabelecer suas próprias identidades, *status* e habitações independentes de suas mães, ao mesmo tempo que suas mães buscam manter as filhas como valiosas aliadas e contribuintes, econômica, social e politicamente, às suas próprias famílias estendidas.

A meia-idade é o período no qual as influências sobre os motivos cerâmicos de uma mulher variam muito. As relações dentro da sua própria coorte de parentesco próximo, de parentesco estendido e de casamento, ao invés de *status*, aumentam de importância quanto aos motivos cerâmicos

de uma mulher quando ela amadurece. Assim, vemos evidências do aumento da participação das mulheres dentro das comunidades da prática nos estilos pintados das suas tigelas cerâmicas, conforme elas fortalecem e ampliam suas alianças dentro da sua própria coorte. Essa é uma idade em que as ceramistas são ativamente engajadas, competitivas e centrais na política da comunidade. Elas reconhecem o estilo cerâmico como um marcador de pertencimento a um grupo dentro de seus grupos étnicos. Elas transferem as alianças das mulheres mais velhas com *status* em direção às mulheres da sua própria coorte e expandem suas redes políticas de modo a incluir parentes mais distantes. Os estilos cerâmicos significam essa mudança.

A idade mais velha é um período em que as ceramistas prestam menos atenção aos motivos pintados de mulheres da etnia oposta, o que é consistente com seu deslocamento para longe das posições centrais na política para as periferias de seus grupos. Como integrantes seniores de seu grupo, elas mantêm suas posições de alto status, o seu conhecimento é importante, elas são aliadas às mulheres mais jovens, e todas as mulheres de seu grupo prestam atenção aos seus motivos cerâmicos e os imitam.

Nossas pesquisas anteriores demonstraram duas estratégias pelas quais as mulheres expressam suas alianças políticas nos estilos pintados de suas tigelas para fermentados em Conambo (Bowser 2000, 2002). As mulheres com fortes alianças intragrupo pintam suas tigelas de maneira a expressar claramente seu pertencimento a um grupo, enquanto mulheres politicamente intermediárias pintam suas tigelas de forma ambígua, combinando atributos estilísticos de maneiras inovadoras. Esse estudo também indica que a conformidade e a não conformidade estilística representam diferentes estratégias de significação e de construção de alianças. Aqui, integramos os pressupostos de que o contexto inicial de aprendizagem, o parentesco e o *status* são fatores importantes que contribuem nas explicações de continuidade estilística e de fronteiras sociais. Mais importante, este estudo demonstra que as estratégias e as competências estilísticas das mulheres mudam ao longo da vida, de forma consistente com os diferentes estágios de histórias de vida e o ciclo de desenvolvimento de suas comunidades de prática e a variação padronizada no estilo cerâmico pode ser entendida dentro desses termos.

REFERÊNCIAS

- Barth, Fredrik. 1969. *Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference*. Long Grove: Waveland Press.
- Bird, Rebecca Bliege; Smith, Eric Alden. 2005. Signalling theory, strategic interaction, and symbolic capital. *Current Anthropology* 46:221-48.
- Bock, John A. 2002. Learning, life history, and productivity: children's lives in the Odavango Delta of Botswana. *Human Nature* 13:161-98.
- Bourdieu, Pierre. 1998 [1994]. *Practical reason*. Stanford: Stanford University Press.
- Bowser, Brenda J. 2000. From pottery to politics: an ethnoarchaeological case study of political factionalism, ethnicity, and domestic pottery style in the Ecuadorian Amazon. *Journal of Archaeological Method and Theory* 7(3): 219-248.
- Bowser, Brenda J. 2002. The perceptive potter: an ethnoarchaeological study of pottery, ethnicity, and political action in Amazonia. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.
- Bowser, Brenda J. 2004. The Amazonian house: a place of women's pottery, politics, and prestige. *Special Issue: Ritual Places. Expedition Magazine* 46(2):18-23.
- Bowser, Brenda J. 2005. Transactional Politics and the Local and Regional Exchange of Pottery Resources in the Ecuadorian Amazon, in *Pottery Manufacturing Process: Reconstitution and Interpretation*. Editado por Livingstone Smith, Alexandre; Bosquet, Dominique; e Martineau, Remi, pp. 22-32. Oxford: Archaeopress.
- Bowser, Brenda J.; Patton, John. 2004. Domestic spaces as public places: an ethnoarchaeological case study of houses, gender, and politics in the Ecuadorian Amazon. *Journal of Archaeological Method and Theory* 11(2):157-181.
- Brown, Donald Edward. 1976. *Principles of social structure*. London: Duckworth.
- Brown, Donald Edward. 1991. *Human universals*. New York: McGraw-Hill.
- Cashdan, Elizabeth. 2001. Ethnocentrism and xenofobia: a cross-cultural study. *Current Anthropology* 42:760-65.

- Chaiklin, Seth; Lave, Jean. 1996. *Understanding practice: perspectives on activity and context*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cohen, Anthony P. 1994. *Self-consciousness: an alternative anthropology of identity*. London: Routledge.
- Crown, Patricia. 1999. Socialization in American Southwest Pottery Decoration, in *Pottery and people*. Editado por Skibo, James; Feinman, Gary, pp. 25-43. Salt Lake City: University of Utah Press.
- Crown, Patricia. 2007. Learning about learning, in *Archaeological Anthropology: perspectives on method and theory*. Editado por Skibo, James; Graves, Michael; e Stark, Mirian. Tucson: University of Arizona Press.
- Deboer, Warren R. 1990. Interaction, imitation, and communication as expressed in style: the Ucayali Experience, in *Uses of style in Archaeology*. Editado por Conkey, Margareth; Astorf, Christine, pp. 82-104. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dunbar, Robin; Knight, Chris; e Power, Camila. 1999. *The evolution of culture: an Interdisciplinary View*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Duwe, Samuel. 2005. Communities of practice and ancient apprenticeship in the American Southwest. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade do Arizona, Tucson.
- Edwards, Caroline P. 2000. Children's Play in Cross-Cultural Perspective: a new look at the six culture study. *Cross-Cultural-Research* 34:318-38.
- Gell, Alfred. 1998. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.
- Gosselain, Olivier P. 2008. Mother bella was not a bella: inherited and transformed traditions in Southwestern Niger, in *Breaking down boundaries: anthropological approaches to cultural transmission, learning, and material culture*. Editado por Stark, Mirian T.; Bowser, Brenda; e Horne, Lee, pp. 150-177. Tucson: University of Arizona Press.
- Graves, Michael W. 1985. Ceramic design variation within a Kalinga Village: temporal and spatial processes, in *Decorating Prehistoric Ceramics*. Editado por Nelson, Ben A. Carbondale: Southern Illinois University Press.

Gurven, Michael, Kaplan, Hillard; e Gutierrez, Maguin. 2006. How long does it take to become a proficient hunter? Implications for the evolution of extended development and long life span. *Journal of Human Evolution* 51:454-70.

Herbich, Ingrid; Dietler, Michael. 2008. The long arm of the mother-in-law: learning, postmarital resocialization of women, and material culture style, in *Breaking down boundaries: anthropological approaches to cultural transmission, learning, and material culture*. Editado por Stark, Mirian T.; Bowser, Brenda; e Horne, Lee, pp. 223-244. Tucson: University of Arizona Press.

Hewlett, Barry S.; Lamb, Michael. 2005. *Hunter-gatherer childhoods: evolutionary, developmental, and cultural perspectives*. New York: Transaction/Aldine de Gruyter.

Hill, Kim; e Kaplan, Hillard. 1999. Life history traits in humans: theory and empirical studies. *Annual Review in Anthropology*, 28: 397-430.

Hirshfeld, Lawrence A. 2002. Why don't Anthropologists like children? *American Anthropologist* 104:611-27.

Kaplan, Hillard S.; Bock, John. 2001. Fertility theory: the embodied capital theory of life history evolution, in *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Editado por Hoem, Jan M., pp. 5561-68. v. 3.3, article 155. New York: Elsevier Science.

Kramer, Carol. 1985. Ceramic Ethnoarchaeology. *Annual Review of Anthropology* 14:77-102.

Labov, Willian. 1963. The social motivation of a sound change. *World* 19:273-309.

Labov, Willian. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Lancy, David F. 1996. *Playing on the mother ground: cultural routines for children's development*. New York: The Guilford Press.

Lave, Jean; Wenger, Etienne. 1991. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press.

Levine, Robert A.; Campbell, Donald. 1972. *Ethnocentrism: theories of conflict, ethnic attitudes, and group behaviour*. New York: John Willey.

Longacre, Willian A. 2008. Forward: cultural transmission and ceramic sociology, in *Breaking down boundaries: anthropological approaches to cultural transmission, learning, and material culture*. Editado por Stark, Mirian; Bowser, Brenda; e Horne, Lee, pp. 9-12. Tucson: University of Arizona Press.

- Longacre, Willian A. 1974. Kalinga Pottery-Making: the evolution of a research design, in *Frontiers of Anthropology*. Editado por Leaf, Murray J., pp. 51-67. New York: D. Van Nostrand Company.
- Minar, Jill; Crown, Patricia. 2001. Learning and craft production: an introduction. *Journal of Anthropological Research* 57(4):369-380.
- Nettle, Daniel; Dunbar, Robin. 1997. Social markers and the evolution of reciprocal exchange. *Current Anthropology* 38:93-99.
- Patton, John Q. 1996. *Thoughtful warriors: status, warriorship, and alliance in the Ecuadorian Amazon*. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.
- Patton, John Q. 2000. Reciprocal altruism and warfare: a case from the Ecuadorian Amazon, in *Adaptation and Human Behaviour: An Anthropological Perspective*. Editado por Napoleon Chagnon; Irons, Willian; e Cronk, Lee, pp. 417-36. New York: Routledge.
- Patton, John Q. 2004. Coalitional effects on reciprocal fairness in the ultimatum game: a case from the Ecuadorian Amazon, in *Experiments and ethnographic evidence from fifteen small scale societies*. Editado por Henrich, Joseph P. et al., pp. 96-124. Oxford: Oxford University Press.
- Patton, John Q. 2005. Meat sharing for coalitional support. *Evolution and Human Behavior* 26:137-157.
- Royce, Anya. 1983. *Ethnic Identity*. Bloomington: Indiana Press.
- Stark, Mirian. 2003. Current issues in ceramic Ethnoarchaeology. *Journal of Archaeological Research* 11:193-242.
- Tajfel, Henri. 1982. *Social identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Van Keuren, Scott. 2006. Decorating glaze-painted pottery in East Central Arizona, in *the social life of pots: glaze wares and cultural dynamics in the southwest, Ad 1250-1680*. Editado por Habicht-Mauche, Judite A.; Eckert, Suzane; e Huntley, Deborah L., pp. 86-104. Tucson: University of Arizona Press.
- Vigotsky, Lev S. 1962. *Thought and language*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Vigotsky, Lev S. 1967. Play and its role in mental development of the child. *Soviet Psychology* 5:6-18.

Vigotsky, Lev S. 1978. *Mind and society*. Cambridge: Harvard University Press.

Wallaert, Hélène. 2008. The way of the Potter's Mother: apprenticeship strategies among Dii Potters from Cameroon, West Africa, in *Breaking down boundaries: anthropological approaches to cultural transmission, learning, and material culture*. Editado por Stark, Mirian; Bowser, Brenda; e Horne, Lee, pp. 178-198. Tucson: University of Arizona Press.

Weisner, Thomas S.; Edwards, Carolyn. 2002. Introduction to the special issue honoring Beatrice Whiting. *Ethos: The Journal of Psychological Archaeology* 29:1-8.

Wenger, Etienne R. 1998. *Communication of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wiessner, Polly. 1983. Style and Social Information. *American Antiquity* 48(2): 253-276.

Wobst, H. Martin. 1977. Stylistic behavior and information exchange, in *For the Director: Essays in Honor of James B. Griffin*. Editado por Cleland, Charles E., pp. 317-344. Ann Arbor: University of Michigan.

Yamagishi, Toshio; Kiyonari, Toko. 2000. The group as the container of generalized reciprocity. *Social Psychology Quarterly* 63:116-32.